



JORNALISMO ESTATÍSTICO

CMG (Ref) Carlos Alberto Briggs

Quem tem mais de sessenta anos, como eu, certamente há de se lembrar de um noticiário radiofônico chamado *Repórter Esso*, transmitido diariamente em horário nobre. Nele, o locutor, com voz empostada, narrava os acontecimentos que seriam notícias, ocorridos no dia, tanto no cenário nacional como no internacional. Tinha duração média de cinco minutos, a não ser que houvesse algum fato de maior repercussão e importância que justificasse um prolongamento da narrativa.

Eram, de fato, notícias coletadas de agências internacionais ou pelos próprios repórteres da emissora, no local do evento noticioso. Não se cogitava em edição com participação encenada no local do(a) repórter que obteve a notícia, até porque era somente voz e não imagem. Constava simplesmente da notícia em si, lida pelo locutor do noticiário e nada mais. Com o advento da televisão, no início, além da imagem do locutor, sempre de terno e gravata – creio que para dar mais credibilidade às notícias – foram acrescentadas filmagens nos locais do evento sem, entretanto, a participação cênica dos repórteres.

Hoje em dia, assisto, irritado, todos os enfadonhos programas de notícias da televisão, nos quais, invariavelmente, além do texto noticioso, mormente de origem estatística, narrado pelo “âncora” –

designação pomposa do locutor que comanda todas as edições dos programas de notícias da emissora – é apresentada também uma encenação protagonizada pelo(a) jornalista (ou será repórter?), na maioria das vezes uma bela jovem, toda produzida, recém-saída da faculdade de comunicação. Esta encenação consiste,



No rádio, Heron Domingues (1924-1974) apresentou o Repórter Esso na Rádio Nacional do Rio de Janeiro por 18 anos. Foi o primeiro apresentador de televisão, quando ingressou na TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1961.

em sua quase totalidade, de uma sequência básica de cenas filmadas no cenário relativo ao tema da notícia, sem identificar o local, seguida de tomadas de transeuntes anônimos andando nas calçadas ou mesmo mostrando só os pés, entremeado com aparições da moça falando e gesticulando enquanto se move no cenário temático. Conta ainda a encenação, também chamada de “matéria” no jargão jornalístico, com o

depoimento relâmpago de um técnico do assunto em lide; médico, economista, advogado, empresário etc. e de um, ou vários, testemunhos inócuos de consumidores do produto relacionado ao tema, como uma dona de casa no supermercado, um paciente no Sistema Único de Saúde (SUS) ou um aposentado no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). É também irritante a frequência com que os apresentadores acrescentam interpretações pessoais às notícias (que nem sempre refletem o pensamento dos espectadores, em sua grande maioria interessados apenas nas notícias) e, geralmente, com segundas intenções. São intervenções descabidas para um programa noticioso, pertinentes

apenas em programas de entrevistas.

Na realidade, o que torna estas matérias fastidiosas é o fato de terem, em sua grande maioria, como fonte de dados as estatísticas, quase sempre sem valor como notícia, quando muito, simples constatações que renderiam como notícia apenas a citação do texto e nada mais. Os exemplos são muitos e podem ser classificados pela natureza do tema genérico que abordam, como temas policiais, econômicos, políticos, militares, previdenciários, de saúde entre tantos outros. Para ilustrar, citaremos apenas três: “redução de roubos deixa seguro do carro mais barato” (área policial); “maioria de idosos aposentados estão inadimplentes”



Gontijo Teodoro apresentando o Repórter Esso na TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1962.

(previdência) e “praticar atividade física melhora capacidade cognitiva” (saúde).

Como se vê, para qualquer assunto que se queira inventar, na falta de notícias de fato, pode ser encontrada uma estatística e dela formulada uma expressão noticiosa que, como notícia, duraria poucos segundos, mas elaborada e encenada nos termos anteriormente descritos, duram por vezes fastidiosos minutos.

No início tínhamos o *Repórter Esso* no qual, como o nome indicava, a fonte das notícias era “repórter”, “protagonista” e “testemunha ocular da história” como pomposamente se intitulava. Hoje, a fonte é estatística e o principal repórter, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Argh! ■

